

## JOHANNESBURG

### DO CAMPO MINEIRO À CONURBAÇÃO

#### 1. A PAISAGEM URBANA

Com cerca de 1 300 000 habitantes, Johannesburg é a maior metrópole da África ao sul do Equador e a terceira cidade do continente africano, depois do Cairo (3 346 000 habitantes) e de Alexandria (1 513 000 habitantes). Situada à altitude de 1 750 m, numa planura longe do mar, sem ficar à beira de qualquer rio importante, a cidade nasceu em 1886, de um acampamento de cerca de 3 000 mineiros (na sua maioria ingleses), quase no centro do arco formado pelo reef aurífero do Witwatersrand. O seu desenvolvimento foi explosivo. Em menos de um século transformou-se numa grande metrópole, propulsora da conurbação que se estende por cerca de 80 km, desde Randfontein até Springs (fig. 1); passou a centralizar e a dirigir a economia duma vasta região, altamente industrializada, rica de agricultura e de comércio; mas, mais do que tudo isso, rapidamente tomou, e detém, o primeiro lugar na indústria mundial do ouro.

Em nenhuma outra região a descoberta do ouro operou modificações tão profundas como no Transvaal e, depois, em toda a União Sul Africana. Os primeiros colonos brancos que, a partir de 1836, chegaram ao Witwatersrand, acharam a área coberta de savana (o *veld* sul-africano), demasiado seca e pobre de solos para a agricultura de cereais. Apenas o gado resistia às condições climáticas do ambiente, caracterizado por um Verão húmido (precipitação média de 769 mm) e um Inverno bastante seco; pela influência moderadora da altitude elevada, as temperaturas são amenas, oscilando as médias entre 20° C em Janeiro e 10° C em Julho <sup>(1)</sup>.

<sup>(1)</sup> Temperatura média anual = 16° C. Temperatura mínima absoluta = 5° C.

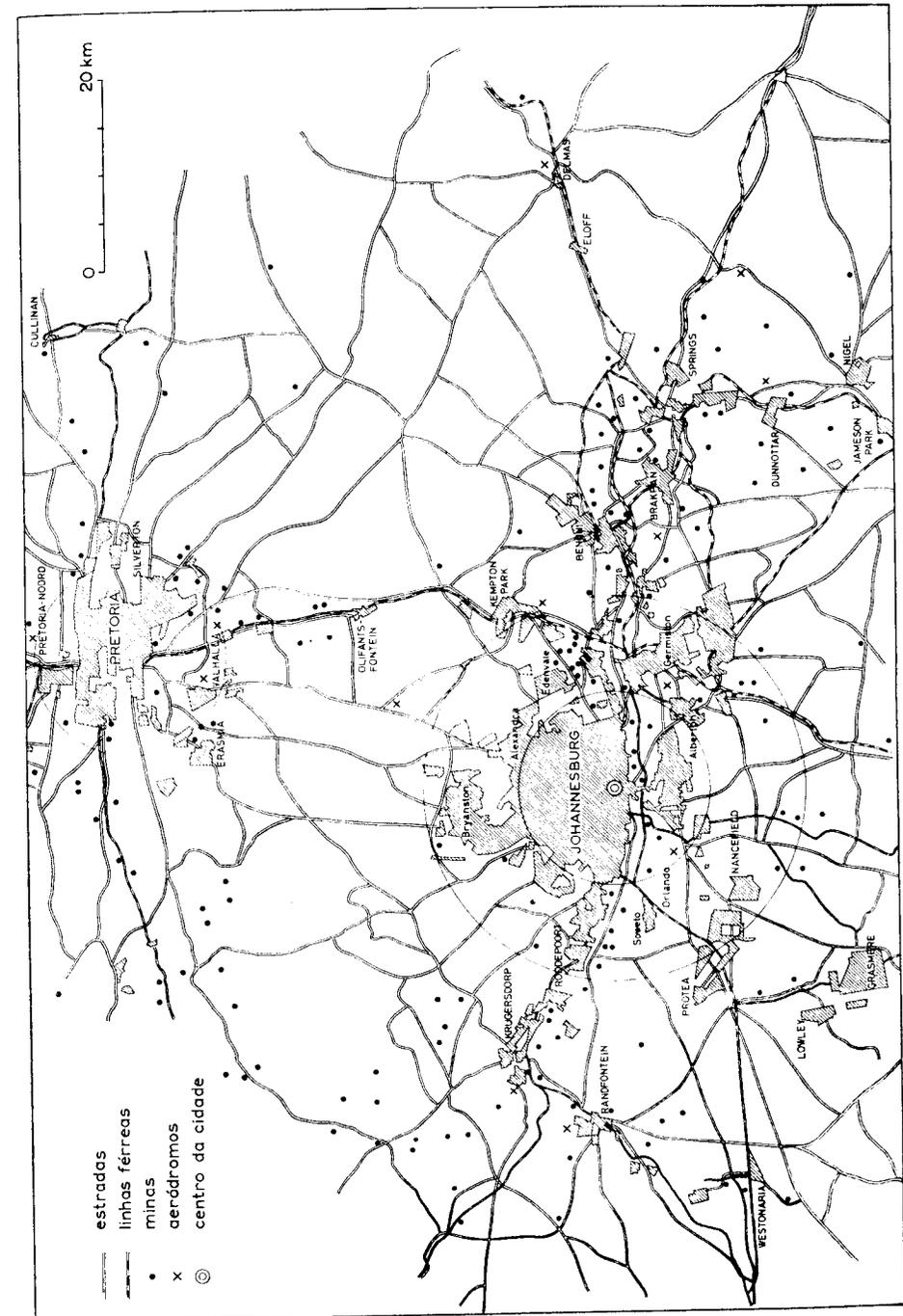


Fig. 1 — A conurbação de Johannesburg.

Criada logo após a descoberta dos veios de ouro <sup>(2)</sup>, um acontecimento que, mais que qualquer outro, alteraria a distribuição da população do Transvaal, até então o estado mais pobre da República Sul-Africana, à sua volta acumularam-se homens e capitais: Europeus de todas as partes e de todas as artes, Africanos e Asiáticos acorreram para aí. Os terrenos foram ocupados, os campos de exploração multiplicaram-se rapidamente e logo surgiram também os primeiros conflitos. De tal modo que o governo de Pretória teve de intervir, enviando em 1886 uma comissão, constituída por Johan Rissik e Christian Johannes, com o encargo de escolher uma faixa de terreno onde se levantasse uma povoação que fosse assento de justiça e da regulamentação mineira. Foi demarcado um terreno triangular, o *Randjeslaagte*, para se edificar a povoação, em torno de uma praça mercado (onde actualmente ficam o City Hall, o Cenotaph e a Public Library), segundo plano de Joseph E. Villiers. Em 1928, já com cerca de 350 000 habitantes, foi erigida em cidade. Entretanto, os campos de minas tinham-se multiplicado, outras municipalidades tinham surgido, todas ligadas, pelos interesses da extracção do ouro, aos transportes e às comunicações, às fontes de energia e ao comércio. Apesar de rápida e progressiva, a evolução histórica de Johannesburg foi marcada por numerosas perturbações. Nasceu da «corrida do ouro», viveu constantemente ameaçada pelo receio do esgotamento dos filões auríferos e consequente êxodo dos mineiros; 1859 e 1899 foram anos de seca e de fome, em que se registaram mortes; em fins de 1895 a população de colonos estrangeiros revoltava-se contra o governo *boer*; 1869 foi o ano da grande explosão de dinamite em Braamfontein, que destruiu numerosas casas e causou muitos mortos e feridos; entre 1905 e 1922 eclodiram várias greves, nomeadamente a célebre «Red Revolt», terminada com luta sangrenta entre as tropas governamentais e os grevistas. Todavia este conjunto de calamidades em nada susteve o crescimento da população. Em 1897, com 102 000 habitantes <sup>(3)</sup> teve *town council* (*Stadsraad*). Era um aglomerado urbano com ruas

(2) Em 1867 foram encontrados os primeiros diamantes do Kimberley, cerca de 250 milhas a sudoeste do Witwatersrand.

(3) 50 000 Brancos, 42 000 Pretos, 10 000 Asiáticos.

longas, ladeadas de casas altas, iluminado a luz eléctrica; do total de 17 159 casas, 3 000 estavam exclusivamente ocupadas por diversos ramos do comércio e por escritórios das companhias. As pessoas fixavam-se, e a vila aumentava e embelezava-se, tornava-se no grande «patrão» sul-africano, absorvendo, só ela, cerca de três quintos das importações efectuadas através dos portos de Cape Town e de Lourenço Marques. A partir de 1936, passou a ocupar o primeiro lugar entre as cidades africanas ao sul do Equador.

A descoberta do ouro ocorreu num momento favorável, numa altura em que se acumulavam os capitais dos diamantes de Kimberley, estavam em desenvolvimento as técnicas de extracção proveitosa de filões de grau baixo e, sobretudo, o mundo da finança exigia reservas cada vez maiores de ouro. Assim, a exploração tornou-se intensa e extensiva; em Johannesburg começaram a centralizar-se a direcção dos campos mineiros e os capitais, verdadeiros magnetes de atracção da população do país.

É surpreendente, para quem visita pela primeira vez esta cidade, deparar com a metrópole moderna e vasta, de fisionomia norte-americana, que se alarga por uma área de 10 km de raio (fig. 1). A partir de um núcleo central, em todas as direcções, mas particularmente para norte, estende-se um vasto complexo urbano, um caleidoscópio de bairros europeus de gente rica, bairros europeus de casas económicas, campos de jogos e zonas verdes, bairros para gente de cor, bairros da lata, áreas industriais, etc. Pelo lado sul, os campos mineiros limitam ainda a expansão. Exceptuando alguns esporões do *reef*, as grandes colinas de terra amarelada, resultantes do processo de exploração do ouro, são, por toda a parte, o testemunho da alavanca do progresso da grande urbe e do país. Formando enormes pirâmides de cimos planos, de encostas em escadaria, quando ainda recentes, ou já cobertas de vegetação e abarrancadas, quando antigas, são outro motivo de surpresa, se nos lembrarmos que a exploração do ouro começou apenas há 80 anos! Durante o último meio século mais de três biliões de toneladas de rochas das formações profundas foram trazidas para a superfície e trituradas; bastariam os 112 milhões extraídos em 1963 para se construírem 15 relevos «postigos» do tamanho da Grande Pirâmide de Kéops! No cimo

de muitos deles foram instalados miradouros e *drive in* (cinema ao ar livre).

O *reef* do Witwatersrand é único no Mundo. Ao contrário de outras áreas de exploração, o ouro aparece disperso em pequenas partículas, geralmente associadas a grãos de pirite, no cimento quartzítico de um conglomerado de calhaus de quartzo, arredondados. No centro e a oeste da área ocupada pela conurbação, o *reef* domina a planura de cerca de 150 a 300 m. É formado, em grande parte, pelo afloramento monoclinal de um conjunto de conglomerados quartzíticos (portadores do ouro), quartzitos, filitos e rochas xistóides do sistema pré-câmbrico do Witwatersrand que do lado norte apresenta uma escarpa abrupta sobre a planura e, do lado sul, desce mais suavemente. Na vizinhança da cidade a erosão diferencial, menos rápida nas rochas quartzíticas, esculpiu uma topografia de costeiras orientadas O-E e separadas por vales de fundos largos. Para oriente, este conjunto desaparece sob a cobertura de formações do cimo do *Karoo*, com uma topografia relativamente plana, e para sul sob as lavas espessas e resistentes do Ventersdorp (pré-câmbrico), aplanadas durante as glaciações do Carbónico. Do lado norte estende-se a área gneisso-granítica (pré-câmbrico), de relevo ondulado. O conjunto orográfico separa dois grandes sistemas de drenagem: as bacias do Vaal e Orange, da vertente atlântica, e as do Crocodilos e Limpopo, da vertente índica. Todavia são elementos de caudais fracos; muitos deles têm cursos intermitentes, de leitos secos durante a estação invernal.

Na planta da cidade há uma disposição quase aureolar das grandes áreas funcionais. No centro, entre Hoofd-Kotze, Sauer Street, Anderson St. e Polly-Quartz fica o «CBD» (Central Business District), de estrutura complexa. Aí, numa planta em quadrícula, situam-se os grandes arranha-céus, ocupados por numerosíssimas actividades, do comércio, da indústria e dos serviços; a função residencial, exceptuando o número elevado de hotéis, quase desapareceu. Embora novo, o CBD, perante a energia vigorosa dos factores dinâmicos que animam a cidade, já exige replanificação. É um centro congestionado, assimetricamente localizado em relação à área urbanizada de crescimento demasiado rápido (fig. 1). A sul a sua expansão está limitada pela existência de campos auríferos e a norte

pela massa de bairros residenciais, área ocupada pelo conjunto da Universidade, etc. Assim, o crescimento em altura empresta a Johannesburg uma fisionomia análoga à de cidades norte-americanas, como New York ou Chicago. Grande variedade de comércio, em que os armazéns de comércio geral (OK, ABC, Orrs, Woolworth e outros) e as lojas de modas rivalizam com os melhores da Europa, e oferecem, em cada andar, um tipo de mercadoria; joalherias e ourivesarias, em todas as ruas, recordam ao forasteiro a sua presença no país do ouro e dos diamantes; edifícios monumentais das sedes de indústrias, de cerca de uma dezena de bancos, das companhias de seguros e dos organismos oficiais revelam a existência de uma finança rica e activa; restaurantes, cinemas e teatros, casas de diversões nocturnas, apresentam espectáculos excelentes, muitos deles importados da Europa ou dos E. U. A.; os museus e as bibliotecas têm concorrência elevada de visitantes e leitores; uma grande Universidade e numerosos estabelecimentos de ensino asseguram a educação e cultura. À medida que se caminha para o exterior, a altura dos edifícios vai diminuindo, até se chegar às manchas extensas de bairros residenciais onde predomina a casa térrea rodeada de relvado ou de jardim: o *cottage* e o *lawn*. A intensificação das actividades económicas do CBD e a expansão deste vão eliminando, do núcleo central da cidade, a função residencial. Hillbrow, o bairro central de população mais cosmopolita, tem resistido a essa expansão; em prédios de alturas elevadas vive uma população densa — perto de 66 000 habitantes em menos de 3 km<sup>2</sup> — de *hillbrowvians*. Por toda a parte, numa febre intensa de renovação, os edifícios antigos são demolidos para se abrirem novas artérias ou se edificarem as altíssimas estruturas de aço, concreto e vidro para lojas e escritórios, parques de estacionamento e outros serviços. Os exemplos mais recentes dessa renovação são o belo conjunto da estação dos caminhos de ferro e Air Terminal, ocupando mais de 20 ha; aí são vendidos mais de 200 000 bilhetes de passagem por dia!

Cidade colossal, que nasceu da exploração do ouro, conseguiu sobrepor-se às vicissitudes e à fortuna do seu comércio. No Commissioner Street, na Main Reef Road ou noutras artérias urbanas, escavações mais profundas ainda põem a descoberto pedaços do *reef* aurífero.

## 2. ALGUNS ASPECTOS DO QUADRO HUMANO

Segundo o recenseamento de Junho de 1963, viviam na área metropolitana de Johannesburg 1 222 903 indivíduos:

Branços	406 200	33,2 p. 100
Bantos	711 595	58,2 » »
Asiáticos	39 540	3,2 » »
Mestiços	65 568	5,4 » »

Desde as suas origens nunca esta população urbana deixou de mostrar um crescimento vigoroso (fig. 2). Constituem

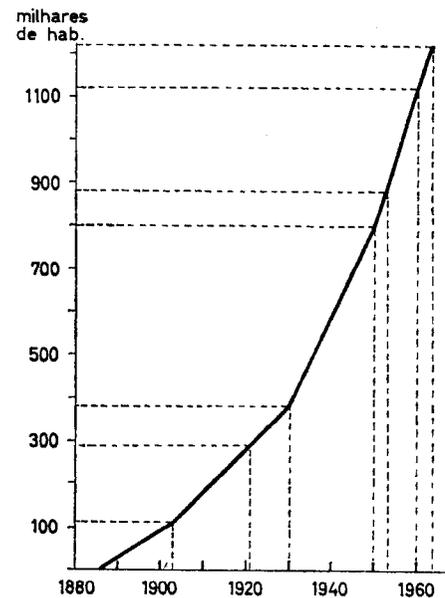


Fig. 2 — Evolução da população de Johannesburg.

Nove em cada dez pretos da cidade são africanos em transição; grandes diferenças de instrução (desde os iletrados aos universitários), de cultura (desde os tribais aos cidadãos sofisticados) e de rendimentos dividem essa gente. Brancos e não-brancos, embora trabalhem lado a lado, vivem em comunidades herméticas, separadas por uma política rígida

(<sup>1</sup>) Calculada em perto de 1 354 000 indivíduos.

de *apartheid*. A separação está anunciada nas portas dos estabelecimentos públicos, dos cafés, restaurantes e cinemas, das repartições, nos bancos dos jardins, nos transportes públicos, enfim por toda a parte, através de dísticos profusamente espalhados: «*only whites*», «*only coloured*». No interior da cidade, que deve ser visto como um enclave de supremacia europeia, onde os nativos são tolerados, moram os Brancos; a gente de cor está segregada em *locations* e *townships*, bem afastadas da cidade branca. Soweto, a 20 km a sudoeste de Johannesburg, com as suas 21 aglomerações (quadro I) é a

QUADRO I — População das aglomerações de Soweto (Johannesburg).

AGLOMERAÇÕES	Ano de início	Em 30 de Junho de 1963	
		População	N.º de casas
Pimville	1904	32 210	1 232
Eastern Native Township	1926	3 932	627
Orlando	1930	66 600	11 314
Jabavu	1948	23 191	5 100
Dube	1948	12 527	1 956
Mofolo	1954	28 425	4 490
Moroka North	1955	15 611	2 583
Central Western Jabavu	1954	8 657	1 386
Molapo	1956	8 386	1 436
Moletsane	1956	10 481	1 962
Tladi	1956	9 988	1 861
Dhlamini	1956	9 070	1 422
Chiawelo	1956	12 868	2 407
Zondi	1956	9 018	1 457
Phiri	1956	11 089	2 089
Mapetla	1956	8 823	1 530
Jabulani	1956	11 485	2 039
Naledi	1956	19 398	4 042
Senaoane	1958	8 353	1 486
Zola	1958	30 052	5 576
Emdemi	1958	11 165	2 298
		351 329	58 293

maior área de fixação da população urbana negra: 351 329 indivíduos, isto é, perto de 10 p. 100 do total (<sup>2</sup>). Criado ao abrigo de um vasto projecto de política habitacional e de

(<sup>2</sup>) Luanda tinha, em 1960, apenas 224 540 habitantes.

reabilitação social, talvez um dos mais importantes do mundo, aí têm sido instalados os moradores retirados dos bairros miseráveis que durante a última guerra alastraram pela cidade: Alexandra, Western e Eastern Native Township, Sophiatown, etc., tristemente famosos pelas taxas elevadas de crimes e delinquência juvenil.

O crescimento demasiado rápido da população negra de Johannesburg, em especial a partir dos primeiros anos da década de vinte, exige do governo da cidade o estudo de medidas de alojamento e de fiscalização e domínio das correntes de imigração. Nasceu assim o *Non-European Affairs Department of Johannesburg City Council*, criado em 1927 <sup>(6)</sup>, serviço oficial que dirige todos os assuntos referentes à população de cor. Nessa altura tinha Johannesburg apenas três aglomerações bantas, com cerca de 136 000 indivíduos dispersos por 1 585 casas, 2 195 *stands* e 2 *hostels*. Em 1936 o total já ascendia a 230 000 e, dez anos depois, o recenseamento oficial dava 395 230 indivíduos, vivendo em quatro aglomerações com 10 060 casas e 1039 *stands*. Todavia, o *Non-European Affairs Department* opunha, ao último número, uma estimativa de 400 850 indivíduos, diferença explicada pela ausência de muitos africanos no acto de contagem, receosos de serem enviados para as reservas indígenas ou para as plantações, por excederem o total aprovado de trabalhadores urbanos <sup>(7)</sup>. Em 1960, dos 622 831 bantos, 467 159 residiam em moradias de Soweto, 130 982 em *hostels* (Wemmer, Wolhuter, Denver, George Goch na cidade; Dube, Nancefield e Jabulani, em Soweto) e 24 690 em anexos das casas dos patrões <sup>(8)</sup>.

É evidente que o sortilégio da grande cidade continuará a atrair a população rural. Se poucas crianças europeias permanecem nas quintas onde nasceram, atraídas para o Witwatersrand, entre os Pretos esta atracção é muito maior; a maioria dos bantos do sexo masculino, pelo menos uma vez na

<sup>(6)</sup> A lei sobre a fixação das residências «bantos», em áreas urbanas, *Native Act* n.º 21, foi aprovada pelo Parlamento em 1923.

<sup>(7)</sup> Ainda em 1953, contra 400 500 bantos do recenseamento oficial, o *Non-European Affairs Department* dava uma estimativa de 516 620 indivíduos; em 1957 esses números foram 432 900 e 550 000 respectivamente.

<sup>(8)</sup> Os números indicados foram fornecidos pelo *Non-European Affairs Department*, em Johannesburg.

vida, trocaram os seus lugarejos pelos acampamentos das minas e são muitos aqueles que não regressam. Para evitar que novos afluxos venham pôr em perigo as condições de trabalho dos já fixados na cidade, o Departamento tem procurado, através de várias medidas, regularizar esses movimentos. Assim, por exemplo, é obrigatório o registo dos contratos de trabalho; havendo falta de trabalhadores, só o governo da cidade poderá permitir a entrada de mão-de-obra, para um trabalho específico e para um empresário responsável; apenas os bantos nascidos na cidade, ou os que aí tenham vivido durante 15 anos, ou que tenham trabalhado para um patrão durante 10 anos, podem permanecer na área urbana e procurar emprego em qualquer tipo de actividade; só os bantos com família, empregados na área de Johannesburg, podem concorrer à distribuição de moradias em Soweto; etc.

Para pôr em prática o seu plano de alojamentos, o *Non-European Affairs Department* teve de resolver numerosas dificuldades. De princípio, as moradias, construídas por pessoal europeu, custavam à roda de 50 000 escudos por unidade. Em 1951, a aprovação do *Native Building Workers Act*, pelo qual os próprios Bantos passaram a ser treinados na edificação das suas casas, teve como consequência a redução do preço de construção para metade. Hoje o Departamento tem equipas de construtores bantos que chegam a completar 30 casas por dia, ao preço de cerca de 16 000 escudos por unidade (3 divisões e cozinha). Vários tipos de contratos dão posse da casa: empréstimos para construção; vendas com amortizações suaves; arrendamentos; etc. Nesta última modalidade as rendas mensais vão de 1,73 a 3,75 rands <sup>(9)</sup>, para as famílias de rendimentos inferiores a 40 rands por mês, e de 4,50 a 7,75 rands para aqueles que auferem mais de 40 rands por mês. A maior parte das casas possui água e corrente eléctrica.

Soweto está ligada a Johannesburg por boas estradas e pelo caminho de ferro. No seu interior existem todos os elementos da organização da vida económica e social. Mais de 1 800 estabelecimentos comerciais, explorados por bantos, asseguram as necessidades da população. Desde que, em 1956,

<sup>(9)</sup> 1 rand = 40\$00.

entrou em vigor o *Bantu Educational Act*, o Departamento construiu uma escola primária por cada 800 casas; o capital gasto está a ser reembolsado pelos residentes, que para isso pagam uma taxa mensal de cerca de 0,15 rands. Em Junho de 1963 já havia 114 escolas (109 escolas primárias e 5 secundárias), com um total de 73 000 alunos matriculados; o número de crianças dos 5 aos 16 anos era então de 116 000. Além destas escolas, os jovens podem frequentar, no *Vocational Training Centre*, cursos de carpintaria, electricidade, canalizador, pedreiro e outros. Através de diferentes secções do *Recreation and Community Services Branch* (orçamento de 400 000 rands por ano), o Departamento tem procurado promover a elevação social dessa população: assistência financeira (*Bantu and Coloured Family Welfare*); combate à delinquência juvenil, pela organização de clubes recreativos, acampamentos, contratos de trabalho, escolas práticas, etc. (*Youth and Rehabilitation Section*); actividades desportivas e culturais (*Recreation Section e Cultural and Bands Section*); clubes de jardinagem e embelezamento paisagístico (*Horticultural Section*), etc. Ainda hoje enfrenta um dos problemas mais graves, o da delinquência juvenil, que tão triste celebridade deu a Alexandra Township ou a Sophia, onde os «gangs» se sucederam, desde os Blue Nines (1929-1937), Thutha Boys, Amaliytas, The Berliners (1945), The Frog Town Boys, Zorro's Gang (1950-1952), Spoiler Gang (1953), Msomi Gang (1954-1959) e tantos outros, que assaltavam os habitantes, bancos e lojas, «protegiam» comerciantes, motoristas de taxi e meretrizes; alguns deles, como os Spoiler e os Msomi, estavam organizados, em larga escala, para a prática de actividades criminosas<sup>(10)</sup>.

Na maioria dos aglomerados há bibliotecas e, em alguns, ainda cursos de dança e de música. Centros sociais, salas de conferências e de concertos, campos de jogos contribuem para a elevação do nível cultural e social dessa população. Um aumento constante do número de revistas e de jornais representa um índice seguro do aumento da alfabetização da massa urbana negra. Supõe-se que um em cada seis ou sete africanos lê um dos jornais especialmente editados para eles: *The World*

<sup>(10)</sup> J. C. DE RIDDER, *The Personality of the Urban African in South Africa*, London, 1961.

de Johannesburg e o *Ilanga Lase Natal* do Natal, são os de maior expansão, com cerca de 50 000 leitores.

A existência dessa grande concentração de habitantes, de que Soweto é uma imagem, exige, acima de tudo, grandes possibilidades financeiras para a sua organização e manutenção. Cerca de 20 p. 100 do orçamento do Council (58 135 328 rands em 1962/63) vão para *Non-European Affairs Department*. Até 1938 a única fonte de rendimentos do Departamento provinha quase exclusivamente do arrendamento das casas e de camas nos *hostels*; a partir desse ano passou a contar, entre outras, com os rendimentos provenientes do fabrico e comércio de cerveja banta. Para se ter uma ideia da sua importância bastará dizer que, em 1963/64, eles atingiram 4 107 923 rands (consumo de 22 021 154 *gallons*)! Os pedidos desta cerveja elevam-se, actualmente, a mais de 20 000 *cartons* (cerca de 5 000 *gallons*) por dia! Uma alteração do *Liquor Act* passou a permitir a aquisição de licores de tipo europeu — 11 lojas e 3 bares em Soweto estão autorizados a negociar esse tipo de bebida —, destinando-se 80 p. 100 dos rendimentos para o governo e 20 p. 100 para o Departamento ( $\frac{2}{3}$  para o programa habitacional e  $\frac{1}{3}$  para o programa de elevação social). Em 1963/64 os rendimentos desse comércio elevaram-se a 1 284 784 rands.

Apesar de tudo isto, os problemas de instalação e urbanização da população de cor estão longe de terem encontrado soluções completas. Os mestiços aglomerados em Coronationville (1 200 casas), Riverlea, Bosmont e Western Native Township (de onde foram desalojados os Bantos), e os asiáticos sobretudo em Lenasia, também exigem os cuidados dispensados a Soweto. Irmana-os a mesma fraqueza de rendimentos.

O ambiente urbano, com a sua moral degradada e a sua atmosfera agressiva, ameaça continuamente a vida familiar. Em 1958, por exemplo, a taxa oficial de nascimentos ilegítimos era de 38,9 p. 100. As atitudes do Africano são fortemente influenciadas pelos contactos raciais na área urbana. Com o Branco, os contactos apenas se estabelecem na espera do trabalho ou nas relações domésticas, de patrão-criado. Nesta cidade de concepção europeia e norte-americana, os indivíduos de cor são elementos marginais; procurando trabalho e melho-

res salários na cidade branca, acabam por se sentir frustrados, entediados e antagónicos do grupo europeu, pelas restrições que este lhes impõe.

### 3. A CONURBAÇÃO DE JOHANNESBURG

A cidade forma, com um conjunto de núcleos urbanos vizinhos, a grande conurbação do Witwatersrand. As suas características distinguem-na de outras conurbações. Localizada no interior, muito afastada do litoral, a 1 750 m de altitude sobre a divisória de águas do Limpopo e do Vaal, sem reservas locais de fontes de energia e de matérias-primas, transformou-se contudo no centro nacional da indústria, da circulação e da finança. A meio caminho entre os centros siderúrgicos de Pretória e Vereeniging, no nó mais importante do sistema de comunicações do país, está excepcionalmente bem situada para a reunião de matérias-primas, para a sua manufactura e distribuição dos produtos. Pela aplicação dos rendimentos da mineração, a indústria e o comércio conseguiram avantajarem-se e ocupam hoje lugares de relevo na economia da região e do país.

Da produção mundial de ouro (sem incluir a URSS), só a União Sul Africana fornece, actualmente, 70 p. 100, extraídos de mais de meia centena de minas localizadas no Orange Free State (34,3 p. 100) e no Rand (65,7 p. 100), e exploradas por nove grupos financeiros, membros da *Transvaal and Orange Free State Chamber of Mines*. A sua produção anual, que em 1910 foi avaliada em 64 milhões de rands, atingiu os 731 milhões em 1964! Impressionantes são também alguns recordes associados a esta extracção portentosa. O gigante da produção mundial foi, sem dúvida, o conjunto das famosas «Crown Mines», no Rand Central, a poucos quilómetros de Johannesburg; desde 1897 já deu mais de 40 milhões de onças (1 onça = 28,349 g). Hoje, os seus poços silenciosos, as suas terras sem movimento, as colinas de areia amarela arborizadas, atestam o adormecimento do gigante. Na Buffelsfontein, o poço mais profundo tem a mesma altura do Empire State Building de New York (cerca de 380 m). Contudo, a maior profundidade foi atingida na área de Germiston, na East Rand Proprietary Mines; aí se desceu até 3 430 m, isto é, a cerca de 1 700 m abaixo do nível do mar, onde as temperaturas já são superiores

a 50° C! A maior acumulação de rocha extraída ultrapassa, com os seus 110 m acima do solo, em Government Areas, as pirâmides do Egipto, apenas exceptuando a de Quéops! A maior colina de areias resultantes da trituração das rochas, localizada em Randfontein States, tem mais de 42 milhões de toneladas daquele material! Além do ouro também se extrai osmirídio (osmio, irídio, ruténio, platina, ródio), e urânio; mais raramente os conglomerados do Witwatersrand dão diamantes. A prata e os metais básicos são recuperados como impurezas das barras de ouro.

A partir dos anos da última guerra mundial, uma verdadeira revolução transformou a região, de um vasto campo de aglomerados mineiros num complexo industrial bem organizado e de rápido desenvolvimento, particularmente no centro e no Leste onde são maiores as actividades mineiras. Pequenos núcleos urbanos conheceram surtos vigorosos de expansão das suas populações e das suas áreas; ao longo das vias de comunicação, mas em especial ao longo da via férrea, eles foram alastrando e acabaram, em muitos casos, por se unirem em faixas contíguas. Todos eles, ligados pelos mesmos interesses (energia, indústria e transportes), constituem hoje satélites da grande metrópole de Johannesburg. A topografia e o tipo de evolução impuseram padrões diferentes de organização do espaço. Assim, enquanto no Rand central a localização dos estabelecimentos industriais e das residências foi atraída pelos centros de actividade mineira situados nos vales, no Rand oriental, mais plano, cada municipalidade procurou atrair as indústrias oferecendo facilidades de instalação, segundo um plano director de áreas bem equipadas; mais recentemente, no Rand ocidental, seguiu-se este mesmo tipo de organização<sup>(1)</sup>. No primeiro caso o povoamento adensa-se numa faixa estreita ao longo da linha férrea, entre Roodepoort e Germiston; no segundo caso ele está mais disperso (fig. 1). As áreas industriais mais importantes ainda estão dentro dos limites da cidade de Johannesburg. Junto da linha férrea, que passa no limite sul da cidade, Newton, Doornfontein, Yeppetown, Heriotdale, Steeledale, etc. são centros de metalurgia; no centro comercial ficam as indústrias do vestuário, do mobiliário e do

(1) MONICA COLE, *South Africa*, New York, 1961, pp. 623-633.

corte de diamantes. A sueste da cidade, em Germiston, no nó principal do cruzamento das linhas férreas de Pretória-Cabo e do Witwatersrand, está outro centro industrial importante, com fábricas de produtos alimentares e de vestuário na parte antiga e estabelecimentos de metalurgia na periferia. Aí fica também a Rand Refinery, para onde são enviadas todas as barras de ouro fundidas nas minas, a fim de serem refinadas em barras com cerca de 99,6 p. 100 de ouro puro, prontas para os mercados nacional e internacional. A ocidente, Roodepoort representa outro núcleo de produção industrial considerável. Fora das concentrações de Johannesburg, Germiston e Roodepoort, a indústria tem-se estabelecido ao longo das vias de comunicação: Elandsfontein e Isando, Kew e Edenvale, etc.

O crescimento deste parque industrial de dimensões gigantes tem criado situações conflituosas. Basta dizer que ele abriga mais de um terço de todos os estabelecimentos industriais do país e emprega cerca de 50 p. 100 do operariado nacional, para se fazer uma ideia da gravidade de situações resultantes, por um lado, da concentração das indústrias, por outro lado, da de trabalhadores africanos nas áreas urbanas. A gravidade dos problemas é ainda acrescida pelos conflitos entre os interesses mineiros e os interesses manufactureiros: se nas minas a mão-de-obra é alojada e alimentada, nos estabelecimentos industriais os salários são mais elevados e as condições de trabalho são melhores. Johannesburg, além da sua potência industrial, é o maior centro comercial do país e, até mesmo, da África meridional. Organismos da especialidade foram criados para distribuírem não só a produção regional, avaliada em mais de 1 000 milhões de rands por ano, como também os artigos de importação. O seu aeroporto é frequentado por aviões de numerosos países, de todos os continentes. Uma dúzia de bancos, com numerosas agências, casas bancárias, companhias de seguros, bolsas de valores e de mercadorias, adicionam ao seu prestígio o da finança rica, sólida e variada.

\* \* \*

Em menos de um século, Johannesburg, a capital do ouro, passou da pequena aglomeração de casotas de zinco ondulado para a metrópole grandiosa de arranha-céus, centro e pro-

pulsor de uma conurbação vasta; a sua população cresceu vertiginosamente, de 3 000 mineiros para mais de um milhão de habitantes! A descoberta do ouro e a sua exploração estão na base dessa evolução ímpar pelas suas características particulares; tal evolução não tem paralelo na história da mineração do ouro no mundo. A conurbação funciona hoje como uma unidade, fazendo sentir a sua força sobre as regiões vizinhas, sobre o país e sobre uma grande parte do continente africano. Os caminhos de ferro e as estradas partem do Witwatersrand para todas as direcções; a indústria pesada foi atraída para aí e emparelha com as actividades mineiras; na cidade concentram-se os órgãos dirigentes do comércio e da finança. Tal como o «fenómeno Johannesburg», a África do Sul sofreu uma modificação profunda. O país perdeu a feição predominantemente agro-pastoril, de economia deficitária voltada para o exterior, com os seus centros importantes de população distribuídos pelo litoral (Cape Town, Durban, Port Elisabeth, East London, etc.). Cento e trinta anos após o início do Grande Trek, em que as caravanas de carros *boers* começaram a subir para as terras altas do interior, alargando assim a área de colonização, até aí mantida nos limites estreitos da faixa litoral, a África do Sul é hoje uma nação poderosa, de industrialização crescente, particularmente desenvolvida em torno de Johannesburg, capaz de abalar a organização financeira do mundo se alguma vez decidisse reduzir as suas exportações de ouro.

ILÍDIO DO AMARAL

#### RÉSUMÉ

*Johannesburg: Du campement minier à la conurbation.* Johannesburg, née en 1886 d'un campement des mines d'or du Witwatersrand (Afrique du Sud), est aujourd'hui, avec plus d'un million d'habitants, la première métropole de l'Afrique au Sud de l'Equateur et la troisième ville du continent, après Le Caire et Alexandrie. Si sa physionomie l'apparente aux grandes métropoles nord-américaines, avec son noyau central de gratte-ciels disposés selon un plan quadrillé, qu'entourent de vastes quartiers résidentiels, la politique d'*apartheid* impose une sépa-

ration rigoureuse de l'habitat des groupes humains qui y travaillent. Les Blancs (406 200 en 1963) occupent la ville elle-même, la population de couleur (816 703 personnes) est reléguée à la périphérie, dans les *locations* et *townships*. Cette séparation se manifeste partout, dans les bâtiments publics, les restaurants et cafés, les cinémas, les théâtres, les autobus, les bancs de jardins publics..., par la mention «*only whites*» ou «*only coloured*». Soweto, situé à 20 km au Sud-Ouest de Johannesburg, est, avec ses 351 329 habitants, le principal centre de fixation de la population urbaine noire. C'est aussi, à l'échelle du monde, une des réalisations les plus importantes de rénovation de l'habitat et de récupération sociale.

En moins d'un siècle, et en dépit de nombreuses difficultés rencontrées au cours de son développement, Johannesburg, la capitale de l'or, réussit à échapper aux vicissitudes liées au commerce incertain du précieux métal, pour se transformer en une grande métropole, tête d'une vaste conurbation, dont la puissance pèse non seulement sur les destinées du pays, mais encore sur une bonne partie du continent africain et sur tout le monde de la finance. C'est un cas unique parmi les villes minières.



Est. I, A — O núcleo central de Johannesburg; ao fundo, os montes de areia das minas.



Est. I, B — Aspecto de Soweto: um dos bairros.